

**O que se pensa sobre o ensino de Teoria da Comunicação?
Uma exploração bibliográfica (1979–2017) ¹**

*What have we been thinking on Communication theory teaching?
A bibliographic exploration (1979–2017)*

Pedro Mel Bardini de Souza²

Faculdade Cásper Líbero, São Paulo-SP
pmbSouza@al.casperlibero.edu.br

Luís Mauro Sá Martino³

Faculdade Cásper Líbero / Fapcom / Fecap – São Paulo/SP
lmsamartino@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-5099-1741>

RESUMO: O que se tem produzido sobre o ensino de Teoria da Comunicação? Este texto delinea aspectos da literatura sobre o ensino dessa disciplina em cursos universitários, tal como apresentada em artigos acadêmicos, textos em eventos e capítulos de livros publicados entre 1979 e 2017. A partir de pesquisa bibliográfica, foram localizadas catorze produções relacionadas ao tema, distribuídas ao longo de cinco décadas. A análise dos textos sugere uma recorrência das preocupações de docentes com três principais dimensões do ensino: (1) epistemológica, relacionada ao que constitui “Teoria da Comunicação” como disciplina universitária; (2) pedagógica referente aos conteúdos a serem ministrados em um curso e (3) didática, voltada para a discussão de estratégias para promover o engajamento do corpo discente em sala de aula.

Palavras-chave: Teoria da Comunicação. Ensino. Epistemologia. Didática.

¹ Uma versão inicial deste texto foi apresentada no GP Teorias da Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Este trabalho é parte de um projeto de pesquisa realizada com apoio do CNPq, processo no. 305133/2022-5.

² Graduando do Curso de Jornalismo e pesquisador do Centro Interdisciplinar de Pesquisa, CIP, da Faculdade Cásper Líbero.

³ Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP. Professor da Faculdade Cásper Líbero, da Faculdade Paulus de Comunicação (Fapcom) e da Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (Fecap)..

ABSTRACT: What has been written on Communication Theory teaching? This text outlines aspects of the literature on the teaching of Communication Theory in university courses, as presented in academic articles, presentations at events and chapters of books published between 1979 and 2017. From the initial bibliographical research, fourteen productions related to the theme were located, distributed over five decades. The analysis of the texts suggests a recurrence of the concerns of professors with three main aspects of teaching: (1) epistemological, related to what constitutes “Communication Theory” as an autonomous university discipline; (2) pedagogical, related to the contents to be taught in a course and (3) didactic dimension, focused on the discussion of strategies to promote student engagement in the classroom.

Keywords: Communication Theory. Teaching. Epistemology. Didactics.

Recebido em: 04/03/2025

Aprovado em: 21/06/2025

INTRODUÇÃO

Ao longo das últimas décadas, a variedade de estudos sobre Teoria da Comunicação, seja como área do conhecimento, seja como disciplina em cursos universitários, sugere a vitalidade das discussões elaboradas ao redor do tema. Em sua diversidade, sugerem uma permanente necessidade de debater problemas epistemológicos referentes à constituição, classificação e pertinência dos saberes referentes a esse tópico. Essa produção parece se desenvolver a partir de vários caminhos.

Em primeiro lugar, compilações voltadas para a apresentação didática das teorias, destinadas às salas de aula dos cursos universitários. Trata-se, como denomina L. C. Martino (2007), de livros “teorográficos”, interessados em trabalhar os aspectos principais de cada teoria, às vezes pontuados por exemplos direcionados para o uso pedagógico. Em termos numéricos, essa vertente parece ser preponderante, com um total de 32 títulos publicados entre 1967 e 2018.

Em uma segunda vertente podem ser encontrados estudos voltados para a discussão dos fundamentos, problemáticas e articulações das correntes teóricas, às vezes vinculadas a discussões sobre a constituição da Área de Comunicação, da qual as teorias formariam uma base, como em Lima (1983; 2001), França (1994; 2001), Santos (2005), L. C. Martino (2007; 2010; 2018), ou L. M. Martino (2011; 2012).

Há, como terceiro tópico, uma bibliografia específica voltada para o ensino de Teoria da Comunicação. Se as apresentações didáticas e as discussões epistemológicas parecem já ter seu lugar assinalado nas pesquisas sobre o assunto, os problemas ligados à prática cotidiana do ensino universitário de Teorias da Comunicação parecem ocupar um lugar ainda tímido nas considerações sobre o assunto.

Talvez seja importante lembrar, igualmente, que os cursos da Área de Comunicação, como Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas ou Radialismo são bacharelados, não licenciaturas, não havendo, portanto, preparação específica relacionada à atividade docente. Professoras e professores da área, ao que se pode depreender disso, devem procurar subsídios e orientações pedagógicas e didáticas em outros espaços.

Seria possível argumentar que se trata de um problema didático e/ou pedagógico, sendo voltado, talvez, mais para estudos de Educação do que propriamente de Comunicação. No entanto, vale notar que a sala de aula é um espaço no qual se objetivam os problemas epistemológicos de uma área – o aspecto disciplinar abre possibilidades de verificar não apenas a alocação dos conhecimentos apresentados como “teoria da comunicação”, mas também suas problematizações ao longo do tempo (Foucault, 2004; L. M. Martino, 2012).

Estudos sobre o ensino de Comunicação podem ser localizados desde os anos 1990, sugerindo uma preocupação recorrente com o assunto – veja-se, por exemplo, as coletâneas de Kunsch (1992; 2007), Peruzzo (2003), Margiolakis e Gamarnik (2011) ou Mick e Lima (2012) sobre o tema, reunindo estudos a respeito das várias dimensões da área.

No entanto, estudos específicos sobre o ensino da disciplina Teoria da Comunicação parecem ser mais raros. Em que pese o caráter central da matéria nos cursos da área de Comunicação, por ser uma disciplina teórica voltada especificamente para o estudo das questões comunicacionais, a preocupação com questões ligadas a seus aspectos de construção epistemológica, constituição curricular e prática didática parece ocupar ainda pouco espaço nas discussões da área.

O que se tem produzido sobre o ensino de Teoria da Comunicação? Quais são as preocupações referentes a essa prática? Quais dimensões, problemáticas e possibilidades são contempladas em estudos a respeito? A essas questões norteadoras pode ser acrescentada uma inquietação prática: no caso de uma das autorias, este texto nasce também da experiência prática em sala de aula, na docência dessa disciplina – nem sempre com esse nome exato – ao longo de mais de vinte anos; e, para as duas pessoas, a experiência como discente dessa disciplina.

A partir dessas questões iniciais, buscou-se encontrar e sistematizar a produção a respeito, com vistas a delinear algumas respostas possíveis para essas indagações. Uma exploração bibliográfica inicial permitiu encontrar catorze textos, entre artigos, capítulos de livros e apresentações em eventos a respeito do tema, espalhando-se por um período de 1979 até 2017.

Diante dessa bibliografia, foram observadas as principais questões levantadas para pensar o ensino, não apenas em sua vertente estritamente didática ou pedagógica, mas também em uma dimensão epistemológica e institucional. O método que parecia se impor, desde o início, foi a pesquisa bibliográfica sobre artigos acadêmicos dedicados ao ensino de Teoria da Comunicação no Brasil. Foi realizado um levantamento em livros e revistas da Área, a partir dos quais se chegou a 14 itens – 12 artigos publicados em revistas acadêmicas ou apresentados em eventos de Associações de Pesquisa da Área, um capítulo de livro e um artigo de revista de divulgação cultural. A lista está nas referências.

A compilação do material publicado em capítulos de livros demandou outra estratégia na medida em que não se trata, em sua maioria, de textos disponíveis em formato digital. Buscou-se, inicialmente, nos livros de divulgação e epistemologia capítulos ou indicações ligadas ao ensino – sua ausência é sintomática para o delineamento desta questão. Um segundo passo abordou os livros ligados ao ensino de Comunicação, em uma linha genealógica que parece começar com Pignatari (1971), passando por Lins da Silva (1978) até Sodré (2006).

Obteve-se, a partir daí, um conjunto heterogêneo, mas significativo, de textos referentes ao ensino de Teoria da Comunicação, formando assim o *corpus* deste trabalho. Inicialmente o recorte foi cronológico; notou-se, no entanto, a recorrência de algumas discussões ao longo do tempo, daí a opção por uma reunião temática da literatura estudada em três eixos. O quadro apresenta um delineamento dessas temáticas:

Quadro 01. Distribuição temática dos textos analisados

DIMENSÃO	QUESTÃO INICIAL	TEXTOS
Epistemológica: o que é uma Teoria da Comunicação?	A validade de uma disciplina com esse nome prevê que existe um campo de estudos da comunicação, teorias específicas desse campo que se referem à construção de objetos e métodos específicos. Como a teoria da comunicação dialoga com as dinâmicas históricas do campo?	Lins da Silva, 1979; Epstein, 1987; Bonin, 2005, Russi-Duarte, 2010.
Curricular: o que constitui essa disciplina?	A decisão sobre o que será ensinado deriva do primeiro ítem: quais teorias serão apresentadas em sala como “Teorias da Comunicação”? O que constitui a especificidade dessa disciplina? Quais conceitos e teorias devem compor seu plano pedagógico?	Santaella, 1982; Costa, 2003; Temer, 2007, Cortez, 2016; Gobbi <i>et al</i> , 2016.
Didático: como ensinar Teoria da Comunicação?	Quais são as estratégias da prática de sala de aula, no desafio de falar de Teoria da Comunicação diante de alunas e alunos geralmente nos primeiros semestres dos cursos? Como transformar as questões epistemológicas, já filtradas pelo aspecto curricular, em uma experiência de aprendizado para o corpo discente?	Baptista, 2003; Martins; Silva, 2012; Costa, 2016; Maia <i>et al</i> , 2017.

Fonte: elaborado pelos autores.

No que se segue, o texto trabalha a partir desses eixos: (1) a dimensão epistemológica, referente aos fundamentos do que é uma teoria da comunicação; (2) o aspecto curricular, referente ao que deve ser ensinado na disciplina e (3) discussões de caráter didático voltados para a prática da sala de aula.

2. A DIMENSÃO EPISTEMOLÓGICA DA DISCIPLINA: O QUE É UMA TEORIA DA COMUNICAÇÃO?

Uma das temáticas presentes em um recorte transversal dos textos sobre o ensino de Teoria da Comunicação sugere uma preocupação de autoras e autores em relação aos problemas epistemológicos na base de constituição dessa disciplina. É importante notar que o uso do conceito de “epistemologia” não é frequente nos textos analisados, e seria talvez um anacronismo falar em uma discussão propriamente “epistemológica”, sobretudo nos textos iniciais.

Ao mesmo tempo, o debate sobre a definição do que pode ser ou não uma “Teoria da Comunicação” parece implicar, de saída, uma disposição para discussões sobre o alcance dos objetivos e objetos – de conhecimento e empírico, como ressalva França (2001) – dessa disciplina. Os textos de Silva (1979), Epstein (1987) e Bonin (2005), de maneiras diferentes, procuram trabalhar essa temática a partir de um questionamento sobre o que faz de uma teoria, no âmbito do ensino, uma “teoria da comunicação”.

O uso da palavra “teoria”, em primeiro lugar, é questionado por Lins da Silva (1979) e, em menor escala, aparece de maneira contextual nos outros artigos.

Os estudos relacionados à teoria da comunicação parecem se concentrar sobretudo em termos de compilações voltadas para finalidades didáticas e discussões epistemológicas sobre problemas e características das teorias da comunicação. Esse referencial dialoga diretamente com os problemas de ensino abordados neste texto, sobretudo por transitarem dentro da mesma esfera discursiva.

Pensar a Teoria da Comunicação significa, de certa maneira, observar sua pluralidade de dimensões, desde o rigor das discussões epistemológicas sobre suas características e fundamentos até o aspecto mais cotidiano das práticas de ensino em sala de aula, passando por sua dimensão disciplinar em diálogo mais amplo com a Área.

A questão que se coloca é a seguinte: as tentativas feitas até aqui na área da teoria da comunicação já conseguiram adotar o rigor científico e, através dele, atingir a formulação de conceitos e enunciados de forma a atender as exigências mínimas que caracterizam o corpo de uma ciência? (Lins da Silva, 1979, p. 196).

Para tanto, parece importante pensar o próprio significado da ideia de “teoria” em uma área do conhecimento, não apenas como construção epistemológica, mas também em seu aspecto fundacional e legitimador de sua existência. Essa dimensão pode ser pensada, dentre outras autoras e autores, a partir das contribuições de Bachelard (1976) e de modo mais próximo, em diálogo com Bourdieu (2021) e hooks (2018).

A validade de uma disciplina com esse nome prevê que existe um campo de estudos da comunicação, teorias específicas desse campo que se referem à construção de objetos e métodos específicos. A partir daí, no aspecto disciplinar, pode-se indagar como a teoria da comunicação dialoga com as dinâmicas históricas do campo.

Aparentemente, nada mais próprio ou adequado a um curso universitário de comunicação do que conter em sua espinha dorsal teórica uma disciplina com este título. Onde, se não aí, procurar um dos alicerces da legitimação de um curso de tal natureza? Mesmo porque, a partir do final da década de 50 esta rubrica, ou pelo menos o deslocamento do estudo dos fenômenos de comunicação para uma posição central, parecia abrigar, na opinião de variados autores, pouco menos do que uma revolução interdisciplinar nas ciências humanas e até em alguns setores das ciências naturais (Epstein, 1987, p. 95).

É possível tomar como ponto de partida o entendimento de que as dimensões teóricas de uma área do saber se constituem como um de seus fundamentos enquanto conjunto de proposições que, mesmo em disputa, respeitam uma base comum referente ao entendimento de seus limites. Como recorda Braga (2021), teorias “fazem” aquilo que se propõe que elas “façam” em termos da compreensão de um objeto. Enquanto discurso, estão em pleno diálogo com um real sobre o qual reincidentemente, não apenas em termos de definição, mas também de revisão e autocorreção.

A epistemologia de uma área se objetiva, dentre outros fatores, na discussão entre suas linhas teóricas fundantes; no entanto, vale observar, com Bourdieu (2021), que esse desacordo se firma, estrategicamente, sobre uma premissa de entendimento a respeito do que se pode discordar dentro de uma fronteira constituinte da própria dinâmica que define um espaço como parte de um campo intelectual.

Assim, o desacordo entre linhas teóricas de uma Área pressupõe algum consenso a respeito do que se pode colocar em disputa dentro de um determinado espaço sem descaracterizá-lo completamente. Os autores que abordam a dimensão epistemológica partem de uma discussão mais ampla do campo da Comunicação, questionando, num primeiro momento, até mesmo a existência de uma Teoria (Lins da Silva, 1979). Num segundo momento, destacam as dificuldades de lecionar as Teorias (Epstein, 1987), sugerindo caminhos a serem seguidos que envolvem, principalmente, a interrelação entre as diferentes Teorias e como, historicamente, elas se aprimoraram (Bonin, 2005; Russi-Duarte, 2010).

A definição epistemológica de um “dentro” e um “fora” detém um grau de elasticidade suficiente para não engessar as discussões, garantindo, assim, a vitalidade da área; ao mesmo tempo, contempla certa rigidez na medida em que a ausência total de fronteiras epistemológicas colocaria em xeque sua existência institucional. O desacordo fundador se pauta no movimento constante entre rigidez e flexibilidade ou, dito de outra maneira, entre o acordo tácito sobre o que se pode discutir e a objetivação de discussões.

Nesse sentido, deve-se problematizar e tornar clara a confusão existente entre, o que se entende como teoria, por um lado, e o que se ensina sobre ela, por outro. Situação que acontece tanto no cenário dos estudantes como professores, além das ações direcionadas pelas opções curriculares. O problema ancora-se no capital epistemológico que atua como fundo, e que deve ser mobilizado para situar a operação reflexiva sobre aquilo que é pretendido e entendido no campo da comunicação. Um dos primeiros desafios é questionar-nos sobre o saber das teorias no plano epistemológico da comunicação (Russi-Duarte, 2010, p. 3).

Dessa maneira, o que chega aos livros de divulgação e, mais importante para este texto, à sala de aula, é o fruto de disputas, desacordos, movimentos e posicionamentos em curso a respeito de concepções do que é “teoria” e, mais ainda, de “teoria da comunicação”. A análise dos trabalhos sobre o ensino de Teoria da Comunicação se pauta, neste texto, a partir dessa concepção política da teoria como prática de compreensão do mundo, de um lado, mas também como objeto de disputas dentro de um campo acadêmico, como sugere Bourdieu (2006), de outro. Isso leva a uma segunda dimensão do tema.

3. O ASPECTO CURRICULAR: O QUE CONSTITUI ESSA DISCIPLINA?

A leitura dos textos sobre o ensino de Teoria da Comunicação permitiu observar a existência de uma dimensão voltada para as tomadas de decisão na elaboração dos planos de aula dessa disciplina. A definição de ementa e conteúdo programático, de certa maneira, é o momento no qual serão escolhidas quais teorias serão aprendidas pelo corpo discente como “teorias da comunicação”.

A decisão sobre o que será ensinado deriva do primeiro item, e, igualmente, forma um dos núcleos temáticos ao redor do qual se organiza parte da produção acadêmica sobre o ensino de Teoria da Comunicação. Em linhas gerais, esses textos se agrupam em torno de questões referentes a quais teorias

serão apresentadas em sala como “Teorias da Comunicação”, pensando no que constitui a especificidade dessa disciplina em termos de seu plano pedagógico.

Trata-se de uma questão de origem não apenas da disciplina, mas, em certa medida, da própria área, a julgar pela maneira como os estudos sobre Comunicação encontraram uma progressiva institucionalização dentro do espaço universitário brasileiro. A disciplina Teoria da Comunicação, de certa maneira, parece se apresentar como um microcosmos de problemas mais amplos relacionados à área (L. C. Martino, 2018; L. M. Martino, 2017; 2018). Por sua especificidade e posicionamento em termos de ser a única matéria diretamente voltada para o estudo da “comunicação”, está sujeita às questões sobre a definição de seu objeto de conhecimento, quando não de seus objetos empíricos.

É importante notar, de saída, que a decisão de incluir ou excluir um determinado saber de um plano de ensino de uma disciplina tem como resultado imediato seu conhecimento, ou não, por parte de suas alunas e alunos: a presença em um programa de ensino confere visibilidade a um determinado saber, ao mesmo tempo em que o posiciona diante de outros em termos de importância – a decisão, por exemplo, sobre quantas semanas dedicada a cada tópico tende a parecer “natural” ao público ainda iniciante caso não exista uma exposição e problematização dessas escolhas, o que nem sempre pode ser feito na premência dos calendários e prazos.

A escolha dos componentes de um plano de ensino indica também um posicionamento de quem decide e, de certa maneira, uma tomada de posição dentro do campo acadêmico em termos da importância conferida a cada item. Dessa maneira, a disposição dos saberes indica ou revela, em alguma medida, as disposições de quem escolhe em relação aos saberes selecionados. Definir o lugar e o tempo dedicado a cada componente (por exemplo, uma aula sobre a “*Mass Communication Research*”, seguidas de três para Escola de Frankfurt e duas para Semiótica) implica também em uma definição de seu valor – seria possível falar em termos do capital acadêmico, no sentido de Bourdieu (2021) atribuído a cada uma das teorias.

Os textos voltados para essa questão tendem a discutir quais teorias, efetivamente, devem ser levadas para o contexto da sala de aula e, a partir daí, formar a disciplina “Teoria da Comunicação” ofertada. A indefinição epistemológica relativa ao que constitui uma teoria específica do campo comunicacional se objetiva na escolha de quais conceitos devem ser trabalhados nessa disciplina – e, em que medida, eles se direcionam, em termos metodológicos, para a eleição e/ou construção de determinados objetos de conhecimento como sendo seu foco.

A pluralidade de teorias associadas à área de comunicação e, portanto, com potencial para serem definidas como “teoria da comunicação” coloca, de saída, um problema de ordem eminentemente prática: a adequação ao cronograma do período de aulas. Entendendo-se, como estimativa, um curso semestral com duração entre quinze e vinte semanas, de que maneira selecionar o que será ensinado? De todas as teorias possíveis de serem apresentadas como “teoria da comunicação”, quais critérios utilizar para selecionar as que devem ou não fazer parte de um plano de ensino? A necessidade de escolher coloca em pauta o problema dos critérios de decisão – em certa medida, como objetivação necessária, dado seu caráter institucional, das problemáticas epistemológicas: no momento de montar um plano de ensino, é necessário encontrar critérios para definir quais teorias serão, naquele semestre, “Teoria da Comunicação” e quais não (França, 2001).

A partir disso, autoras e autores discutem quais teorias são ensinadas na sala de aula, com base em qual bibliografia, e qual a importância da disciplina – e do que a constitui – para a Comunicação em termos da definição de seus parâmetros e fronteiras. Santaella (1982) e Temer (2007), por exemplo, apresentam como proposta a transversalidade de um objeto como foco a partir do qual seriam definidas as teorias a serem ensinadas.

No caso da primeira, a autora escreve em um momento de consolidação da então chamada “comunicação de massa”, em especial da televisão, como meio hegemônico, e ressalta a importância de a disciplina “Teoria da Comunicação” selecionar seus conteúdos a partir da possibilidade de conceitos

e teorias dialogarem com esse ambiente midiático. “No entanto, em relação à problemática pedagógica, ou seja, a que diz respeito ao ensino de Teoria da Comunicação, cumpre à escola enfrentar o desafio de trazer para dentro de seu contexto os estudos e leituras críticas das mensagens produzidas pelos meios de massa” (Santaella, 1982, p. 28).

Dessa maneira, esse entendimento parece sugerir que “Teoria da Comunicação” seria uma disciplina dedicada sobretudo ao estudo da comunicação de massa, dentro de certa perspectiva voltada para as questões tecnológicas e de significação dos meios – dito de outro modo, a disciplina poderia ser voltada para o estudo dos meios e seus produtos.

Temer (2007) também ressalta a importância de a disciplina dialogar com o cenário midiático imediato e, na medida do possível, se organizar em termos de conceitos e teorias voltados para o conhecimento das questões relacionadas aos meios. O estudo da mídia, não em termos de sua especificidade tecnológica, mas em suas articulações e tensionamentos como social, parece ser o critério oferecido não apenas como foco de especificidade da disciplina, mas também para a definição de quais teorias poderiam compor um plano de ensino da disciplina.

Falar sobre teoria, ensinar teorias é, portanto, ensinar sobre uma prática repensada, revista fora do momento do seu acontecimento, mas ainda assim real e plausível. Nesse sentido, esse processo de ensino-aprendizado deve ser marcado por alguns aspectos específicos, uma pedagogia para o ensino dos meios de comunicação que ao mesmo tempo em que leve o aluno a reconhecer a sua vivência e conhecimento prático dos meios de comunicação, ofereça e desperte o interesse de obter recursos para uma crítica aprofundada desses meios (Temer, 2007, p. 14).

Apesar da distância cronológica e de perspectiva separando os dois textos, é possível observar uma questão subjacente no que tange a pensar a especificidade da disciplina como um estudo voltado para os meios, em suas várias dimensões. Se, quando escreve Santaella (1982), a comunicação de

massa é hegemônica, o contexto de Temer (2007) é a Internet e as mídias digitais. Ambas, no entanto, parecem sugerir que a disciplina “Teoria da Comunicação” seja composta de teorias voltadas para o estabelecimento de um diálogo crítico com esse cenário.

Em perspectiva próxima, mas não idêntica, Costa (2003) também sugere que a disciplina dialogue com o ambiente imediato, mas destacando o contexto social, histórico e político com o qual uma teoria da comunicação precisa dialogar – sendo esse, um critério possível para se pensar a validade de uma teoria a ponto de ser incluída em um plano de ensino. Parece estar em jogo, nesse encaminhamento, uma perspectiva de pensar o sentido dos componentes de um plano de ensino em relação à realidade do corpo discente.

Nesse sentido, a tomada de decisão a respeito dos conteúdos a serem incluídos ou não de um plano de ensino parece se revestir de um aspecto um pouco mais amplo, referente ao sentido, ou talvez razão de ser, da disciplina: de que maneira os conteúdos ensinados em Teoria da Comunicação podem se articular metodologicamente em seu potencial analítico para a compreensão crítica da realidade? Pode-se questionar, junto com as proposições de Santaella (1982), Costa (2003) e Temer (2007), em que medida faria sentido reduzir a disciplina a um hipotético “Museu das Teorias”, no qual as ideias e conceitos são apresentados como importantes, mas incapazes de dialogar com o ambiente comunicacional e midiático contemporâneo.

Outros textos trazem um panorama comparativo entre instituições de ensino, apontando para uma tendência curricular. Neste aspecto, nota-se que, dos anos 2004 a 2016, houve uma implementação do que algumas autoras e autores, como Gadelha (2017), tendem a denominar “Escola Latino-Americana” e dos estudos brasileiros no plano de ensino de cursos de comunicação – pelo menos em instituições do Espírito-Santo e do Nordeste, como apontam Gobbi (2016) e Cortez (2016).

Trata-se, no caso, de dois estudos empíricos sobre os componentes dos planos de aula de cursos de Teoria da Comunicação em habilitações específicas. Vale notar, como dado de contexto histórico, que tanto Gobbi *et al.* (2016) quanto

Cortez (2016) escrevem após as mudanças de 2013 na Área de Comunicação, quando as antigas habilitações de Comunicação Social (Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Radialismo, etc.) se tornam cursos em si. Ao que se pode depreender da leitura dos textos, essa transformação não parece ter afetado diretamente as questões do ensino de Teoria da Comunicação na medida em que não só a disciplina continuou sendo ministrada, mas também suas problemáticas seguiram, em certa medida, as mesmas.

Quando discutem o ensino, Gobbi *et al.* (2016) e Cortez (2016) apresentam os resultados de pesquisas empíricas sobre o tema, realizada a partir da comparação de ementas e bibliografias de planos de ensino de universidades brasileiras. Há, entre os textos, certa concordância sobre a existência de uma pronunciada heterogeneidade no ensino das Teorias da Comunicação, elemento em alguma medida atribuído ao fato de que a fronteira do campo de Comunicação ainda não foi definida.

A partir da análise das ementas das disciplinas “Teorias de Comunicação”, identificou-se certa semelhança dentre os temas trabalhados, independentemente da habilitação. Em adição, há uma generalização dos conteúdos, fato que sinaliza uma abordagem ampliada das perspectivas sobre Comunicação, sem direcionamentos específicos para cada uma das quatro habilitações (Gobbi *et al.*, 2016, p. 277).

O aspecto assinalado por Gobbi *et al.* (2016) se refere às taxonomias apresentadas nos livros de Teoria da Comunicação que, de certa maneira, como notado em outros momentos L. C. Martino (2007; 2010; 2018) e L. M. Martino (2018), se apresentam como pontos de partida para a confecção dos planos de ensino. Estudos anteriores sugerem uma certa correspondência entre a divisão por “escolas” presentes na literatura sobre Teoria da Comunicação e os planos de ensino. Seguindo uma ordem, em linhas gerais, cronológica, a disciplina desenha um percurso histórico a partir da inclusão, no plano de ensino, do que pode ser entendido como um “cânone” (pesquisa estadunidense, Escola de Frankfurt, Semiótica, Teoria dos Meios, Teoria das Mediações) complementado

por outros estudos. Os textos lidos, nesse sentido, não parecem questionar essa divisão adotada também em planos de ensino, mas oferecem pistas para sua objetivação na prática docente.

4. A QUESTÃO DIDÁTICA: COMO ENSINAR TEORIA DA COMUNICAÇÃO?

Quais são as estratégias da prática de sala de aula, no desafio de falar de Teoria da Comunicação diante de alunas e alunos geralmente nos primeiros semestres dos cursos? Como transformar as questões epistemológicas, já filtradas pelo aspecto dos planos de ensino, em uma experiência de aprendizado para o corpo discente – e docente? Essas questões parecem orientar, de certa maneira, a tônica de alguns dos textos sobre o ensino de Teoria da Comunicação.

Se, como indicado no início do texto, os cursos da área de Comunicação não oferecem licenciaturas, mas apenas bacharelados, não existe uma formação didática específica: docentes da Área, salvo experiências em outros espaços, aprendem a lecionar na própria sala de aula – e, evidentemente, a partir de seu repertório como alunas e alunos.

Essa temática encontra espaço em quatro dos textos, três dos quais apresentam de modo parcial ou integral o relato de experiências em sala de aula. Com exceção de Baptista (2003), não parece haver propriamente uma discussão a respeito das demandas específicas de constituição de uma didática para a disciplina, com as questões práticas se afirmando como temática principal dos trabalhos.

Há, como um primeiro fator de destaque, um aspecto cronológico ausente dos dois outros eixos temáticos: o primeiro texto sobre a questão didática data do início dos anos 2000, com as contribuições de Baptista (2003) referentes à disciplina. É possível perguntar, de saída, quais seriam as possíveis razões para essa abordagem tardia em relação às outras temáticas, se a experiência prática de sala de aula é, de certo modo, o espaço para onde convergem – e onde se

objetivam – as questões epistemológicas da disciplina e sua organização em planos de ensino.

A literatura sobre o ensino de Comunicação desenvolvida desde a década de 1990 pode apresentar algumas pistas para delinear a compreensão do fato. As obras organizadas por Kunsch (1992) ou Peruzzo (2003) não contemplam capítulos específicos sobre didática ou, de maneira mais geral, a respeito de experiências de sala de aula. É possível apenas especular se essa aparente lacuna se deve a uma percepção relativa à pertinência do tema: didática, historicamente, tende a ser entendido como uma questão ligada à Educação e, a princípio, um pouco distante do que poderiam ser as preocupações imediatas relacionadas à Teoria da Comunicação.

A questão se reveste de especial importância quando se observa a existência de diversos trabalhos que, embora alheios ao campo da comunicação, sublinham a dificuldade de lecionar disciplinas teóricas em cursos de graduação, problemática transversal, ao que parece, a todo ensino da “teoria” em várias áreas. Autoras e autores como Hickson e Stacks (1993), Adler (1995), Heisler (2005), Moreira e Vieira (2005), Sadoff (2014), Maggio (2018) ou Bauman (2023) mencionam as dificuldades de trabalhar disciplinas teóricas, vistas pelo corpo discente, em geral, como “muito conceituais”, “abstratas” ou “distantes da realidade”.

No caso específico de Teoria da Comunicação, os textos analisados apresentam propostas a partir de vivências e experiências de sala de aula no sentido de promover o engajamento do corpo discente nas proposições da disciplina. Em uma primeira síntese, os quatro parecem se dedicar especialmente à necessidade de produzir uma aprendizagem significativa para alunas e alunos, aproximando conceitos e proposições teóricas de suas vivências cotidianas, em particular a partir de problematizações do ambiente midiático no qual estão inseridos.

Baptista (2003), por exemplo, trabalhando a disciplina em um curso de Publicidade e Propaganda, relata sua experiência de pedir ao corpo discente para criar slogans para promover e, de certa maneira, “vender” a importância de

Teoria da Comunicação em uma campanha publicitária explicando “Por que amar teoria?” a um suposto público. O resultado, segundo a autora, foi a possibilidade de discutir a teoria como algo próximo do cotidiano, em suas articulações com a realidade midiática imediata de alunas e alunos.

Por sua vez, Costa (2016), retomando alguns momentos de sua carreira como docente de Teoria da Comunicação, apresenta a mesma preocupação em adotar estratégias didáticas para que o corpo discente encontre possibilidades de criação de sentido no tensionamento dos conceitos da disciplina com suas vivências trazidas para a sala de aula. A autora identifica, como ponto de partida, uma questão de organização didática da disciplina:

Sempre, desde o primeiro semestre, planejei detalhadamente as aulas, atualizando referências, revendo trabalhos, propondo outros, estudando, refletindo sobre a prática do ensino superior. As ementas inicialmente entregues impressas aos alunos e nos últimos anos, também disponibilizadas pela internet, continham o conteúdo programático, a metodologia, as referências e um detalhado plano de aula, descrevendo os objetivos propostos, as formas de avaliação e o peso de cada atividade na composição da média final (Costa, 2016, p. 16).

Martins e Silva (2012) e Maia *et al.* (2017) apresentam propostas de caráter mais pontual para o ensino da disciplina.

As primeiras indicam a criação em grupo de um “Caderno Didático Digital” voltado para promover uma maior aproximação com os textos teóricos, não apenas em termos de leitura, mas, sobretudo, no sentido de uma apropriação compartilhada de conceitos. Para as autoras, “a elaboração do CDD parte de leituras orientadas e elaboração de textos por parte dos bolsistas do projeto com auxílio dos docentes. Após, com a revisão dos textos, são realizadas discussões em grupo sobre o conteúdo e dá-se continuidade às produções” (Martins; Silva, 2012, p. 3).

Maia *et al.* (2017) relatam a criação de um banco de dados com textos da disciplina a partir dos quais são desenvolvidos produtos digitais – um jogo no estilo “quiz”, com perguntas e respostas, e um vídeo no estilo “stop motion” – a

partir dos conteúdos como forma de trazer alunas e alunos para as discussões. A proposta nasce como resposta a um problema prático de sala de aula:

Nos cursos de Comunicação Social, o estudo dessas teorias constitui-se de uma disciplina obrigatória, porém, a forma que é ensinada, geralmente aparece de maneira irrefletida. Não causa efeito, em grande parte, aos alunos, e os conteúdos basicamente ficam no campo teórico (Maia *et al*, 2017, p. 5).

Os autores que abordam a dimensão didática da Teoria da Comunicação ou compartilham ou fazem propostas de métodos de ensino para facilitar o aprendizado da disciplina, envolver os alunos e dar uma formação crítica a eles. Em todos os textos, os autores comentam sobre uma tensão por parte dos alunos envolvendo a prática e a teoria. O desafio principal, portanto, é tornar o ensino das teorias o mais eficiente possível, tanto para os professores quanto para os alunos, e mostrar que as teorias são essenciais para a prática – e tão importantes quanto. Nota-se que os métodos de ensino compartilhados e propostos vão além da aplicação de provas e trabalhos, muitas vezes tendo como característica a interação em grupo e a exploração de outros formatos (vídeos, filmes, sites etc.).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da pesquisa permite delinear alguns aspectos iniciais referentes à bibliografia sobre o ensino de Teoria da Comunicação. Seu primeiro aspecto, talvez, seja o número reduzido de textos voltados para essa discussão. A observação, ainda inicial, permite questionar as razões desse interesse reduzido sobre o assunto, limitado, ao que tudo indica, a questionamentos marginais às discussões epistemológicas.

Parece existir um predomínio da discussão específica sobre teorias, seus critérios de pertinência à comunicação ou, de outro lado, perguntas a respeito do que efetivamente se constitui como “teoria da comunicação”.

Mais raros, os estudos questionando a pertinência de uma ou outra teoria ao “cânone” parecem se pautar em termos da demonstração dessa proximidade; finalmente, foi possível encontrar textos problematizando as questões do ensino, mas, ao que parece, de maneira esparsa no tempo. Trata-se de manifestações pontuais voltadas para a discussão de currículos, como em Lins da Silva (1979), das dicotomias e tensões com a prática, em Lima (1983) e Ferrara (2000), ou em sua dimensão epistemológica, como em Braga (2021) ou L. M. Martino (2013; 2018).

Para pesquisas futuras, cabe refletir em que medida o ensino de Teoria da Comunicação não poderia ser um ponto de partida para se pensar algumas das questões epistemológicas da área, seus contornos e desafios. O cotidiano da objetivação do discurso teórico como prática de sala de aula, no entanto, parece ser contemplado em uma escala ainda incipiente. Trata-se de uma análise em progresso, sendo estas observações, portanto, provisórias. No entanto, é preciso notar igualmente que se trata de uma questão sintomática em relação às possibilidades de contribuir para que a teoria da comunicação, enquanto uma das disciplinas centrais da Área, se apresente como um espaço de produção de sentido para pesquisadoras, pesquisadores e estudantes na sala de aula – esse, talvez, sendo um dos aspectos políticos da teoria.

REFERÊNCIAS

ADLER, Ronald B. Teaching communication theories with Jungle Fever. **Communication Education**, Vol. 44, no. 2, 1995, pp. 157–164. Disponível em <<https://encurtador.com.br/iqZv5>> Consulta em 11.01.2025

BACHELARD, Gaston. **O racionalismo aplicado**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

BAPTISTA, Maria Luiza C. Disciplinas teóricas: de entulho de currículo a campo de desejo e autoipoiese. 26o. INTERCOM. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2 a 6 de setembro de 2003.

BAUMAN, Isabelle. Bagging a theory: A random sorting activity for teaching theorizing. **Communication Teacher**, Vol. 37, no. 3, 2023, pp. 194-197. Disponível em < <https://encurtador.com.br/4oK3L>> Consulta em 11.01.2025

BONIN, Jiani A. Elementos para pensar a formação e o ensino em teorias da comunicação. **Conexão**, v. 4, n. 8, jul./dez. 2005, pp. 61-68.

BOURDIEU, Pierre. **Por uma sociologia da ciência**. Lisboa: Ed. 70, 2021.

BRAGA, José L. A prática da teoria na pesquisa em Comunicação. **Galáxia**, Vol. 41, no. 1, mai-ago. 2019, pp. 48-61.

CORTEZ, Gabriel L. A. Uma análise das escolas e pensamento adotadas na disciplina Teoria(s) da Comunicação em Cursos de Comunicação Social. ENCONTRO PAULISTA DE PROFESSORES DE JORNALISMO, 7. Unesp: **Anais...** Bauru, 20 e 21 de maio de 2016.

COSTA, Rosa M. C. D. **Memorial descritivo para fins de promoção na carreira do magistério superior**. Curitiba: UFPR, 2016.

COSTA, Rosa M. C. D. O ensino de Teoria da Comunicação nos cursos de graduação em Comunicação Social. 26o. INTERCOM. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2 a 6 de setembro de 2003.

EPSTEIN, Isaac. Um impasse curricular: Teoria da Comunicação. IN: MELO, J. M. **Ensino de Comunicação no Brasil**. São Paulo: Eca/Usp, 1987, pp. 94-113.

FERRARA, Lucrécia D'A. Sala de aula: espaço de uma experiência. **Margens**, Vol. 1, no. 1, Jan-Jun. 2000, pp. 14-20.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos**, Vol. 3. Rio de Janeiro: Forense, 2004.

FRANÇA, Vera R. V. Teoria(s) da Comunicação: busca de identidade e caminhos. **Revista da Escola de Biblioteconomia UFMG**. Belo Horizonte, Vol. 23, no. 2, jul-dez. 1994, pp. 138-152. Disponível em <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/view/38276/29816>>.

FRANÇA, Vera. Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê? In: MOTTA, L. G *et alli*. (Orgs.). **Estratégias e culturas da comunicação**. Brasília: UnB, 2001, p. 6-19.

GOBBI, Maria C. *et alli*. O ensino de comunicação no nordeste do Brasil. **Animus**, Vol. 15, no. 30, 2016, pp. 261-279.

HEISLER, Jennifer; DISCENA, Thomas. Teaching meta theoretical beliefs in Communication Theory. **Communication Teacher**, Vol. 19, no. 2, Abril 2005, pp. 44-47. Disponível em <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/17404622.2023.2242916>> Consulta em 11.01.2025

HICKSON, Mark; STAKS, Don. Teaching the Introductory Communication Theory Course to Undergraduates. **Communication Quarterly**, Vol. 41, No. 3, Verão 1993, Pages 261-26

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

KUNSCH, Margaria M. K. (Org.) **O ensino de Comunicação**. São Paulo: Abecom/USP, 1992.

LIMA, Venício A. Repensando as Teorias da Comunicação. In: MELO, J. M. (org.) **Teoria e Pesquisa em Comunicação**. São Paulo, Intercom/Cortez, 1983.

LIMA, Venício. **Mídia: teoria e política**. São Paulo: Perseu Abramo, 2003.

LIMA, Venício. Repensando as Teorias da Comunicação. In: MELO, J. M. (org.) **Teoria e Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Intercom/Cortez, 1983, pp. 85-99.

LINS DA SILVA, Carlos E. Teoria da Comunicação. In: MELO, José M.; FADUL, Anamaria; LINS DA SILVA, Carlos E. (Orgs.). **Ideologia e poder no ensino de comunicação**. São Paulo: Cortez e Moraes/Intercom, 1979, pp. 191-210.

MAGGIO, Mariana. **Reinventar la clase en la universidad**. Buenos Aires: Paidós, 2018.

MAIA, Yasmine A. S. *Et alli*. Inovações para o ensino de teorias da comunicação. INTERCOM NORTE, 16, Manaus: **Anais...** Universidade Federal do Amazonas, 24 a 26 de maio de 2017.

MARTINO, Luís M. S. MARTINO, Luís M. S. Dimensões e limites da interdisciplinaridade nas Teorias da Comunicação. **Comunicação & Sociedade**, v. 39, no. 1, 2017, pp. 95-110.

MARTINO, Luís M. S. Genealogia dos Conceitos na Teoria da Comunicação: esboço de um panorama. **Revista Alaic**, v. 15, no. 1, 2018, pp. 24-35. Disponível em <<https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/468>>. Consulta em 20.06.2025.

MARTINO, Luís M. S. O que foi teoria da comunicação? Um estudo da bibliografia entre 1967-1986. **Revista Comunicação Midiática**, v. 6, no. 1, 2011, pp. 28-39. Disponível em <<https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/344>>. Consulta em 20.06.2025.

MARTINO, Luís M. S. A disciplina interdisciplinar. **Logos**, v. 19, no. 1, 2012, pp. 17-28. Disponível em <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/logos/article/view/4519>>. Consulta em 20.06.2025

MARTINO, Luiz C. (Org.) **Teorias da Comunicação: muitas ou poucas?** Cotia: Ateliê, 2007.

MARTINO, Luiz C. Significação da teoria em um campo diversificado. 33o. INTERCOM, 33. Caxias do Sul: **Anais...** Caxias do Sul: UCS, 2 a 6 de setembro de 2010.

MARTINO, Luiz C. **Escritos de epistemologia da comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2018.

MARTINS, Fernanda C. A.; SILVA, Marcela G. Caderno didático digital: uma estratégia para o ensino de Teorias da Comunicação. SEMINÁRIO DE PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO, 17. Unisc: **Anais....** Santa Cruz do Sul, 2012.

PERUZZO, Cicília M. K. (Org). **Retrato do ensino de comunicação no Brasil**. São Paulo: Intercom/Unitau, 2003.

PIGNATARI, Décio. **Contracomunicação**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

RUSSI-DUARTE, Pedro. Por que ensinar teorias (da comunicação)? XXXIII INTERCOM. Caxias do Sul: **Anais...** Universidade de Caxias do Sul, 6 a 9 de setembro de 2010.

SADOFF, Dianne F. Frameworks, materials, and the teaching of Theory. In: SADOFF, Dianne; CAIN, William E. **Teaching contemporary theory to undergraduates**. The Modern Language Association of America: Nova Iorque, 2014, pp. 103-113.

SANTAELLA, Lúcia. Teoria da Comunicação: considerações sobre o ensino. **Boletim Intercom**, ano 5, no. 38, julho/agosto 1982, pp. 24-28.

SANTOS, Tarcyanie. C. Teorias da Comunicação: caminhos, buscas e intersecções. **Famecos**, no. 28, dezembro 2005, pp. 21-44.

SODRÉ, Muniz. Desafios da pesquisa. In: MOREIRA, S. V.; VIEIRA, J. P. **Comunicação: ensino e pesquisa**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2005.

TEMER, Ana. C. Teorizar é pensar a prática: uma reflexão sobre o ensino das Teorias da Comunicação nos Cursos de Jornalismo. 10º ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO, 10. Goiânia: **Anais...** UFG/Goiânia: 27 a 30 de abril de 2007.